

CAPÍTULO II – Meu Reino não é deste mundo

Índice

Capítulo II – Meu Reino não é deste mundo.	02
A vida futura	02
A vida futura na visão do Espiritismo	06
A felicidade não é deste mundo	07
Na construção do futuro	09
A realeza de Jesus	03
A verdadeira realeza.	10
O sobrenatural e a visão espírita	12
Jesus não é Deus	14
O ponto de vista	03
O ponto de vista.	15
Examinadores	18
A alma humana	19
Instruções dos Espíritos. Uma realeza terrestre.	04
Parábolas de Jesus: O tesouro escondido e a pérola oculta	21
Discípulos a caminho de Emaús	23
Felicidade e Jesus	25

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Capítulo II – meu reino não é deste mundo

I. A VIDA FUTURA

1. Pilatos, tendo entrado de novo no palácio e feito vir Jesus à sua presença, perguntou-lhe: **“És o rei dos Judeus?”** Respondeu-lhe Jesus: **“Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse desse mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino ainda não é aqui.”**

Disse-lhe então Pilatos: “És, pois, rei?” Jesus lhe respondeu: “Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade.

Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz.”

(João, 18:33, 36 e 37.)

2. Por essas palavras, Jesus claramente se refere **à vida futura**, que Ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta a que a Humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra. Todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos seus preceitos morais, donde vem que os que não creem na vida futura, imaginando que Ele apenas falava na vida presente, não os compreendem, ou os consideram pueris.

Esse dogma pode, portanto, ser tido como o eixo do ensino do Cristo, pelo que foi colocado num dos primeiros lugares à frente desta obra. É que ele tem de ser o ponto de mira de todos os homens; só ele justifica as anomalias da vida terrena e se mostra de acordo com a justiça de Deus.

3. Apenas ideias muito imprecisas tinham os judeus acerca da vida futura. Acreditavam nos anjos, considerando-os seres privilegiados da Criação; não sabiam, porém, que os homens podem um dia tornar-se anjos e partilhar da felicidade destes. Segundo eles, a observância das leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, com a supremacia da nação a que pertenciam, com vitórias sobre os seus inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram o castigo da desobediência àquelas leis. Moisés não pudera dizer mais do que isso a um povo pastor e ignorante, que precisava ser tocado, antes de tudo, pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus lhe revelou que há outro mundo, onde a justiça de Deus segue o seu curso. É esse o mundo que ele promete aos que cumprem os mandamentos de Deus e onde os bons acharão sua recompensa. Aí o seu reino; lá é que ele se encontra na sua glória e para onde voltaria quando deixasse a Terra.

Jesus, porém, conformando seu ensino com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, percebendo que eles ficariam deslumbrados, visto que não a compreenderiam. Limitou-se a, de certo modo, apresentar a vida futura apenas como um princípio, como uma lei da Natureza a cuja ação ninguém pode fugir. Todo cristão, pois, necessariamente crê na vida futura; mas, a ideia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número de pessoas, não há, a tal respeito, mais do que uma crença, balda de certeza, absoluta, donde as dúvidas e mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; torna-se uma realidade material, que os fatos demonstram, porquanto são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas peripécias, e de tal sorte que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse propósito, facultam, a mais vulgar inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como toda gente imagina um país cuja pormenorizada descrição leia. Ora, a descrição da vida futura é tão circunstanciadamente feita, são tão racionais as

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

condições, ditosas ou infortunadas, da existência dos que lá se encontram, quais eles próprios pintam, que cada um, aqui, a seu mau grado, reconhece e declara a si mesmo que não pode ser de outra forma, porquanto, assim sendo, patente fica a verdadeira justiça de Deus.

II. A REALEZA DE JESUS.

4. Que não é deste mundo o reino de Jesus todos compreendem, mas também na Terra não terá Ele uma realeza? Nem sempre o título de rei implica o exercício do poder temporal. Dá-se esse título, por unânime consenso, a todos aqueles que, pelo seu gênio, ascende à primeira plana numa ordem de ideias quaisquer, a todo aquele que domina o seu século e influi sobre o progresso da Humanidade. É nesse sentido que se costuma dizer o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc.

Essa realeza, oriunda do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não revela, muitas vezes, preponderância bem maior do que a que cinge a coroa real? Imperecível é a primeira, enquanto esta outra é juguete das vicissitudes; as gerações que se sucedem à primeira sempre a bendizem, ao passo que, por vezes, amaldiçoam a outra. Esta, a terrestre, acaba com a vida; a realeza moral se prolonga e mantém o seu poder, governa, sobretudo, após a morte. Sob esse aspecto não é Jesus mais poderoso rei do que os potentados da Terra? Razão, pois, lhe assistia para dizer a Pilatos, conforme disse: **“Sou rei, mas o meu reino não é deste mundo.”**

III. O ponto de vista.

5. A ideia clara e precisa que se faça da vida futura proporciona inabalável fé no porvir, fé que acarreta enormes consequências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num pai ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes um estado mais ditoso.

À morte nada mais restará de aterrador; deixa de ser a porta que se abre para o nada e torna-se a que dá para a libertação, pela qual entra o exilado numa mansão de bem-aventurança e de paz. Sabendo temporária e não definitiva a sua estada no lugar onde se encontra, menos atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor.

Pelo simples fato de duvidar da vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre. Sem nenhuma certeza quanto ao porvir, dá tudo ao presente. Nenhum bem divisando mais precioso do que os da Terra, torna-se qual a criança que nada mais vê além de seus brinquedos. E não há o que não faça para conseguir os únicos bens que se lhe afiguram reais.

A perda do menor deles lhe ocasiona causticante pesar; um engano, uma decepção, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos, que lhe transformam a existência numa perene angústia, infligindo-se ele, desse modo, a si próprio, verdadeira tortura de todos os instantes.

Colocando o ponto de vista, de onde considera a vida corpórea, no lugar mesmo em que ele aí se encontra, vastas proporções assume tudo o que o rodeia. O mal que o atinja, como o bem que toque aos outros, grande importância adquire aos seus olhos. Àquele que se acha no interior de uma cidade, tudo lhe parece grande: assim os homens que ocupem as altas posições, como os monumentos. Suba ele, porém, a uma montanha, e logo bem pequenos lhe parecerão homens e coisas.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

É o que sucede ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a Humanidade, tanto quanto as estrelas do firmamento, perde-se na imensidade. Percebe então que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura.

6. Se toda a gente pensasse dessa maneira, dir-se-ia, tudo na Terra periclitaria, porquanto ninguém mais se ocuparia com as coisas terrenas. Não; o homem, instintivamente, procura o seu bem-estar e, embora certo de que só por pouco tempo permanecerá no lugar em que se encontra, cuida de estar aí o melhor, ou o menos-mal que lhe seja possível. Ninguém há que, dando com um espinho debaixo de sua mão, não o retire, para se não picar. Ora, o desejo do bem-estar força o homem a tudo melhorar, impelido que é pelo instinto de progresso e da conservação, que está nas leis da Natureza. Ele, pois, trabalha por necessidade, por gosto e por dever, obedecendo, desse modo aos desígnios da Providência que, para tal fim, o pôs na Terra. Simplesmente, aquele que se preocupa com o futuro não liga ao presente mais do que relativa importância e facilmente se consola dos seus deveres, pensando no destino que o aguarda.

Deus, conseqüentemente, não condena os gozos terrenos, condena, sim, o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma. Contra tais abusos é que se premunem os que a si próprios aplicam estas palavras de Jesus: **Meu reino não é deste mundo.**

Aquele que se identifica com a vida futura assemelha-se ao rico que perde sem emoção uma pequena soma. Aquele cujos pensamentos se concentram na vida terrestre assemelha-se ao pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O Espiritismo dilata o pensamento e lhe rasga horizontes novos. Em vez dessa visão, acanhada e mesquinha, que o concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na terra único e frágil eixo do porvir eterno, ele, o Espiritismo, mostra que essa vida não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da obra do Criador. Mostra a solidariedade que conjuga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Faculta assim uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma por ocasião do nascimento de cada corpo torna estranhos uns aos outros todos os seres. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que inexplicável se apresenta, desde que se considere apenas um ponto. Esse conjunto, ao tempo do Cristo, os homens não o teriam podido compreender, motivo por que Ele reservou para outros tempos o fazê-lo conhecido.

IV. INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: UMA REALEZA TERRESTRE.

8. Quem melhor do que eu pode compreender a verdade destas palavras de Nosso Senhor: “O meu reino não é deste mundo”? O orgulho me perdeu na Terra. Quem, pois, compreenderia o nenhum valor dos reinos da Terra, se eu o não compreendia? Que trouxe eu comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E, como que para tornar mais terrível a lição, ela nem sequer me acompanhou até o túmulo! Rainha entre os homens, como rainha julguei que penetrasse no reino dos céus! Que desilusão! Que humilhação, quando, em vez de ser recebida aqui qual soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava insignificantes e aos quais desprezava, por não terem sangue nobre! Oh! Como então compreendi a esterilidade das honras e grandezas que com tanta avidez se requestam na Terra!

Para se granjear um lugar neste reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos. Não se vos pergunta o que fostes, nem que posição ocupastes, mas que bem fizestes, quantas lágrimas enxugastes.

Oh! Jesus, tu o disseste, teu reino não é deste mundo, porque é preciso sofrer para chegar ao céu, de onde os degraus de um trono a ninguém aproximam. A ele só conduzem as veredas

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

mais penosas da vida. Procurai-lhe, pois, o caminho, através das urzes e dos espinhos, não por entre as flores.

Correm os homens por alcançar os bens terrestres, como se os houvessem de guardar para sempre. Aqui, porém, todas as ilusões se somem. Cedo se apercebem eles de que apenas apanharam uma sombra e desprezaram os únicos bens reais e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem facultar acesso a esta.

Compadecei-vos dos que não ganharam o reino dos céus; ajudai-os com as vossas preces, porquanto a prece aproxima do Altíssimo o homem; é o traço de união entre o céu e a Terra: não o esqueçais. — Uma Rainha de França. (Havre, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Editorial

Nº 187 – 05/12/2010

O Consolador

I. A Vida Futura

A vida futura na visão do Espiritismo

Jesus foi o grande iniciador dos ensinamentos acerca da vida futura, que constituem o eixo de sua doutrina, mas coube ao Espiritismo desenvolver esses estudos e mostrar o íntimo relacionamento que existe entre o mundo espiritual e o mundo em que nós, encarnados, vivemos.

Com o advento do Espiritismo, a alma deixou de ser uma abstração. Os Espíritos possuem um corpo etéreo que lhes serve de veículo. A vida futura é a continuação da vida terrena, mas em melhores condições, observado o preceito que manda dar a cada um segundo o seu merecimento. O mundo espiritual encontra-se ao redor de nós. Os que nele habitam – os seres desencarnados – influem em nossos pensamentos e atos e, de certa maneira, dirigem-nos na senda da vida com suas sugestões e seus conselhos.

Em face destas informações que nos foram trazidas pelo Espiritismo, qual o sentido da existência terrena?

Antes de mais nada, é preciso compreendermos que a vida espiritual é isenta das ilusões e das fantasias peculiares ao plano em que nos encontramos.

A vida corpórea, ao contrário, apresenta-nos atrativos que constituem, bastas vezes, sérios óbices ao progresso espiritual. Assim é que a posse da riqueza pode excitar em muitas pessoas as paixões e o orgulho, e as altas posições sociais podem levar aos abusos da autoridade, concorrendo para os desastres morais que apenas mais tarde, na vida espiritual, apresentarão às pessoas, sua verdadeira dimensão.

Progresso constante em conhecimento e em moralidade, eis a meta dos Espíritos, para a qual a experiência corpórea constitui fator decisivo.

Se compreendermos o mundo material como sendo uma escola e a existência corpórea como uma bolsa de estudo, tudo se torna mais claro. Findo o curso, o Espírito retorna ao seu verdadeiro mundo, onde entrevê as experiências vividas e elabora os planos, para o futuro.

Tendo isso em mente, pode-se imaginar quanto de vazio representam as existências voltadas exclusivamente para os gozos materiais!

Como sabemos, existem pessoas que fazem de seus dias uma permanente agitação social. Festas, jantares, jogos, prazeres de toda ordem constituem sua única preocupação. A existência terrestre se lhes afigura como um processo de curtidão a que se apegam com todo o vigor, ignorando que somos Espíritos temporariamente revestidos de um corpo físico para um objetivo relevante, que tem tudo a ver com o nosso progresso espiritual e o melhoramento do mundo em que vivemos.

Os depoimentos daqueles que partiram para o Além são um alerta para nós – e devemos isso, de forma exaustiva, ao Espiritismo, que nos escancara a possibilidade do contato com os nossos mortos queridos, enquanto outros segmentos religiosos o abafam ou proíbem.

Sempre que ouvirmos alguém falar sobre a vida futura que nos aguarda além-túmulo, lembremo-nos da conhecida Parábola dos Talentos, narrada por Jesus, que nos ensina que Deus pedirá estrita conta da aplicação dada por nós aos recursos que nos foram prodigalizados na romagem terrena, quando, então, muitos dos que agora riem chorarão e lamentarão amargamente as oportunidades perdidas.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 261 – 20/05/2012

O Consolador – (Marco Antônio Pinho)

I. A vida futura

A felicidade não é deste mundo

Todos nós desejamos encontrar a felicidade um dia, mas, para realizar essa vontade ou esse desejo, é necessário trabalhar os valores pertinentes ao Espírito. Acharmos que a felicidade é desfrutar unicamente dos bens materiais que estamos vendo ou pegando, haja vista que vivemos presos às posses, imaginando que ser feliz é juntar tesouro material sobre a terra.

É importante observar que temos que desenvolver a capacidade de enxergar a vida por outro prisma, visto que temos uma visão pequena sobre as questões espirituais.

Se não trabalharmos o desapego material enquanto estamos na estrada, ficaremos atrasados por nossa própria culpa, visto que o Mestre Jesus nos chama atenção dizendo que cada um de nós deve trabalhar as questões espirituais que são perenes, eternas e duradouras.

Se não fizermos isso, ficaremos presos às posses por não entendermos a proposta do Cristo, quando Ele disse para não juntarmos tesouros na Terra e, sim, no Céu. Jesus nos chama atenção para que cada um de nós dê o devido valor aos bens espirituais que são eternos, mais do que aos bens materiais que são passageiros.

Através da Doutrina Espírita, encontramos as respostas e a chave para a felicidade futura que tanto

O Evangelho segundo o Espiritismo nos fala em sua obra. É a partir deste capítulo intitulado: **A Vida Futura**, que buscamos entender, de maneira racional, a possibilidade de vivermos outras experiências referentes à vida espiritual, deixando claro que todos nós temos várias existências para evoluirmos espiritualmente e trabalharmos os desapegos até chegarmos à perfeição.

Por isso temos que compreender e acreditar nas explicações racionais que a Doutrina Espírita nos dá. Então, como não acreditar nas vidas sucessivas para vencer os desapegos? Como não acreditar nessas possibilidades educativas através da reencarnação para melhorar os nossos defeitos? Como ficariam a vida, os atos, os acertos e os desacertos dos seres humanos, se acreditássemos em uma única existência?

Será que a vida só teria sentido se buscarmos unicamente as coisas materiais em detrimento dos valores espirituais? Será que o único objetivo do homem na Terra é juntar bens materiais?

Tudo isso ficaria sem explicação e sem nexos se admitirmos uma única existência. Todos viveriam focados unicamente para a atual encarnação, buscando obter tudo de maneira desorganizada, correndo contra o tempo para obter cada vez mais recursos materiais.

A sociedade ficaria desorganizada e não teria regras definidas. Cada um poderia criar suas próprias regras, sabendo que não existiria mais; muitos irmãos fariam de tudo para desfrutar a vida como se ela fosse a última, e não haveria mais razão para sonhar e para viver. Muitos irmãos lutariam para, cada vez mais, juntar tesouros na Terra, passando por cima dos mais fracos, justificando que a vida é pra ser vivida.

Com o advento da Doutrina Espírita, tudo isso muda de sentido a partir dos seus postulados; temos a ciência e a certeza da continuidade das existências, ficamos por dentro de tudo que diz respeito às múltiplas possibilidades de crescimento espiritual e das experiências que ainda temos que passar para evoluir. Por isso, na Doutrina Espírita seremos convidados a estudar as problemáticas humanas de um ponto de vista racional, estruturando os nossos pensamentos a partir da lógica e da razão.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Portanto, a Doutrina Espírita nos mostra que a felicidade não é deste Mundo, quando coloca para a humanidade que a verdadeira felicidade se encontra no mundo espiritual e não na Terra. Ela coloca que na Terra vivemos momentos felizes, mas que não são duradouros e eternos. Segundo O Livro dos Espíritos, a Terra é uma pálida visão do mundo espiritual. Podemos começar a construir a nossa felicidade aqui, mas sabemos de que a verdadeira felicidade está ou se encontra no mundo espiritual, que é a nossa verdadeira morada.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Elucidações de Emmanuel

Nº 252 – 18/03/2012

O Consolador

I. A vida futura

Na construção do futuro

“Respondeu Jesus: **O meu reino não é deste mundo**”

(Jesus. João, 18:36.)

“Todo cristão, pois, necessariamente crê na vida futura, mas a ideia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número de pessoas, não há, a tal respeito, mais do que uma crença, balda de certeza, absoluta, donde as dúvidas e mesmo a incredulidade. O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreenderem a verdade.”

(O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo 11, item 3)

Esperavas pelos irmãos do caminho a fim de te entregares à construção da Terra melhor e quedas-te, muita vez, em amargoso desalento porque tardem a vir.

Observa, porém, a estrada longa da evolução, para que o entendimento te pacifique. Milhares deles são corações de pensamento verde que te rogam apoio e outros muitos seguem trilha adiante, inibidos por névoas interiores que desconhecem.

Repara os que se renderam às lágrimas excessivas. Choraram tanto que turvaram os olhos, não mais divisando os companheiros infinitamente mais desditosos a lhes suplicarem auxílio nas vascas da aflição.

Contempla os que passam vaidosos, sem saberem utilizar, construtivamente, os favores da fortuna. Habitaram-se tanto às enganosas vantagens da moeda abundante que perderam o senso íntimo.

Enumera os que se embriagam do poder transitório. Abusaram tanto da autoridade que caíram na exaltação da paranoia sem se darem conta disso.

Relaciona os que asseveram amar, transformando a afetividade no egoísmo envolvente. Apaixonaram-se tanto por criaturas e cousas, cultivando exigências, que deliram positivamente sem perceber.

Anota os que avançam hipnotizados pelas dignidades que receberam do mundo. Fascinaram-se tanto pelas honras exteriores que olvidaram os semelhantes a quem lhes compete o dever de servir.

Nenhum deles se atrasou por maldade. Foram vítimas da ilusão que, frequentemente, se agiganta qual imenso nevoeiro na periferia da vida, mas regressarão depois à verdade triunfante para atenderem às tarefas que realizas.

Para todos eles que ainda não conseguiram chegar à grande renovação é compreensível o adiamento do trabalho a fazer. Entretanto, nada nos justificaria desânimo ou deserção na Obra do Cristo, porque, embora estejamos consideravelmente distantes da sublimação necessária, transportamos conosco o raciocínio lúcido e liberto no sustento da fé.

Emmanuel, Livro da Esperança, (psicografia Chico Xavier.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 314 – 02/06/2013

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

II. A Realeza de Jesus

A verdadeira realeza

Quando Pilatos perguntou: “És o rei dos judeus?” (João, 18: 33), Jesus respondeu: “Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas, o meu reino ainda não é daqui”. (João, 18: 36.) Quando Jesus disse que seu reino não é deste mundo, Ele estava se referindo à vida futura, que, se não existisse, não teria razão de ser a reencarnação, nesta verdadeira escola para o Espírito, na sua marcha evolutiva, aqui na Terra.

Por não acreditarem na vida futura e imaginando que Jesus falava da vida presente, seus julgadores não compreenderam os ensinamentos do Mestre, considerando-os sem lógica e pueris. Os judeus tinham ideias imprecisas sobre a vida futura. Acreditavam nos anjos, consideravam os mesmos como os seres privilegiados da Criação, mas não tinham noções precisas da evolução do Espírito e achavam que a observância às leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, a supremacia de sua nação e as vitórias sobre os inimigos.

Jesus revelou, mais tarde, que há um Mundo Espiritual, onde reina a justiça. É o mundo que Jesus promete aos que andam de acordo com as leis de Deus e onde os bons acharão a sua recompensa. É esse o reino a que Jesus se referia, e ao qual Ele voltaria quando deixasse a Terra.

Existem dois tipos de realeza: a realeza terrestre e a realeza moral. A primeira corresponde às glórias, aos títulos e às honrarias da Terra. Ela se acaba aqui na Terra mesmo. A realeza moral se prolonga e mantém seu poder, sobretudo, após a morte. Sob esse aspecto, Jesus é o mais poderoso rei entre os que reinaram e que reinam na Terra.

A distinção entre uma realeza e outra encontra-se na esclarecedora mensagem dada por uma ex-Rainha de França, constante do item 8 do cap. II (Meu Reino não é deste Mundo) do livro O Evangelho segundo o Espiritismo.

Destacamos alguns trechos:

“Que trouxe eu comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E, como que para tornar mais terrível a lição, ela nem sequer me acompanhou até o túmulo! Rainha entre os homens, como rainha julguei que penetrasse no reino dos céus! Que desilusão! Que humilhação, quando, em vez de ser recebida aqui qual soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava insignificantes e aos quais desprezava, por não terem sangue nobre! Oh! Como então compreendi a esterilidade das honras e grandezas que com tanta avidez se respeitam na Terra!

Para se granjear um lugar neste reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos. Não se vos pergunta o que fostes, nem que posição ocupastes, mas que bem fizestes, quantas lágrimas enxugastes.”

“Correm os homens por alcançar os bens terrestres, como se houvessem de guardar para sempre. Aqui, porém, todas as ilusões somem. Cedo se apercebem eles de que apenas apanharam uma sombra e desprezaram os únicos bens reais e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem facultar acesso a esta.”

É nesse sentido que Jesus, no ensinamento registrado no Evangelho de Lucas (12:2 e 3), pede que nos acautelemos do fermento dos fariseus:

“Tendo-se juntado milhares de pessoas, de modo que um e outro se atropelavam, começou Jesus a dizer primeiro aos seus discípulos: Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Nada há encoberto que se não venha a descobrir; em oculto que se não venha a saber. Por isso, o que dissestes, nas trevas, à luz será ouvido; o que falastes ao ouvido, no interior da casa, sobre os telhados será proclamado”.

Quem conhece o problema das vidas sucessivas sabe que após a morte passamos a viver no Mundo Espiritual, onde não se pode esconder aquilo que se pensa, pois a linguagem dos Espíritos é o pensamento.

Assim sendo, no Mundo Espiritual, as pessoas que costumavam, na Terra, falar mal do próximo e fingir amizade na sua presença, encontram grande dificuldade no Mundo Maior, porque estavam a fazer assim na Terra, mas na nova morada não podem fazê-lo, porque, quando querem fingir, o fingimento transparece.

Nas pesquisas de Allan Kardec sobre esse assunto, publicadas na Revista Espírita, há Espíritos que se queixam profundamente das situações em que se encontram, porque não podem fazer nada escondido. Tudo o que querem ocultar está sempre sob os olhos de Entidades espirituais que enxergam tudo quanto fazem, tudo quanto eles pensam, tudo quanto eles sentem.

Por isso, devemos ser leais e sinceros, a fim de evitarmos situações embaraçosas para o nosso Espírito, pois após a morte, se não nos libertarmos na Terra do vício da hipocrisia, nos colocaremos em situações verdadeiramente desesperadoras, revelando aquilo que não queremos revelar.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 19 – 22/08/2007

O Consolador – (Wellington Balbo)

II. A Realeza de Jesus

O sobrenatural e a visão Espírita

O milagroso, sobrenatural, místico, desde eras remotas causa grande fascínio à raça humana. Presume-se que o caçador primitivo desenhava suas caças na parede da caverna para que isso lhe trouxesse o sucesso na empreitada.

Na Roma antiga, havia magia para obter sucesso no amor, nos negócios, nos jogos e até para proferir belos e persuasivos discursos.

Desde séculos imemoriais somos acometidos por um certo romantismo e ingenuidade de que algo ou alguém solucionará nossas dúvidas íntimas.

Os escritores, com acurada sensibilidade, captaram bem, a vontade popular e trouxeram para enriquecer nosso imaginário os super-heróis, seres com qualidades extraordinárias que nos defendem do “mau”, esforçando-se para estabelecer a ordem e harmonia no planeta. Inconscientemente é mesmo super-heróis e salvadores que queremos.

Daí muitos considerarem que o Nazareno veio para nos salvar do pecado original.

Daí muitos consultarem o médium a fim de saber o rumo que sua vida tomará.

Daí muitos esperarem a alma gêmea que trará um amor de conto de fadas.

Daí muitos aguardarem o governante que nos colocará nos trilhos da dignidade.

Daí muitos sonharem com a vitória na loteria que trará a independência financeira.

A Doutrina Espírita, porém, nos apresenta uma outra visão, nos informando que:

O sobrenatural é apenas o natural que nossa inteligência não compreende.

Jesus, o professor que nos ensina o caminho a trilhar.

A propósito, as curas efetuadas por Jesus em sua passagem pela Terra nada têm de mágicas miraculosas, eram todas provenientes de seu completo domínio e conhecimento sobre a matéria. Jesus possuía a realeza moral e superioridade absoluta dos Espíritos puros e perfeitos, portanto seus feitos nada tinham de milagrosos, eram antes fruto de seu incomensurável conhecimento adquirido em milênios de aprendizado. Ele conhece-nos profundamente, sabe de nossas limitações, incertezas, receios e anseios, já esteve onde hoje estamos, portanto habilitado está a nos dirigir, tem ele o absoluto aval da experiência.

Aliás, o grande legado de Jesus à humanidade não foram suas curas e suas proezas no campo material, mas sim suas mensagens de paz e amor, sua palavra de mansuetude aconselhando o perdão como base da libertação, seu exemplo de renúncia em prol do semelhante

Por isso é o mestre, o professor, não o salvador, o milagroso; salvador somos nós mesmos a construir dia a dia nosso destino. (Para maior conhecimento do tema concernente as proezas de Jesus, aconselhamos o leitor a consultar a obra “A Gênese” de Allan Kardec, mais precisamente o capítulo XV – Os Milagres do Evangelho.)

Algo perfeitamente compreensível dentro dos padrões de justiça que regem o universo, porquanto colocam a responsabilidade pela felicidade ou desdita em nossas próprias mãos.

O relacionamento difícil pode se tornar fácil, não por mágica, mas por nosso próprio empenho.

O amor pode ser de conto de fadas, não porque somos almas gêmeas, privilegiadas pelos céus a viver harmoniosamente aqui na Terra, mas porque entendemos a importância do cônjuge ou do (a) namorado (a) em nossa vida.

Essa visão racional, sem devaneios, proporcionada pela Doutrina Espírita, é benéfica a todos, espíritas ou não, porque será desmistificando os acontecimentos existenciais que tomaremos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

ciência de que somos os construtores da própria felicidade; felicidade esta que independe de magias, milagres ou poções mágicas, dependendo apenas de nossa iniciativa em conquistá-la.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 502 – 05/02/2017

O Consolador – (Hugo Alvarenga Novais)

II. A Realeza de Jesus

Jesus não é Deus

Para os que se atêm unicamente aos ensinamentos do Divino Mestre, torna-se irrelevante a questão d'Ele ser Deus ou não.

Ao elucidar este ponto, não desejamos rebaixar a realeza do Cristo que disse:

“meu reino não é deste mundo”

(João 18:36).

Pelo contrário, queremos esclarecer sobre o lugar em que sempre se colocou.

O apóstolo João, disse-nos que Deus é Espírito (João 4:24), para nós, a Suprema Divindade é a causa primária de todas as coisas.

Não podemos dar nenhuma dessas duas definições ao Messias; não é mesmo? Outra coisa: o Criador disse não caber num Templo (1 Reis 8:27), assim sendo, é impossível que Ele caiba num limitado corpo humano. Além de tudo, o Altíssimo afirma-nos não mudar (Malaquias 3:6). Como então o mesmo poderia ser Jesus?

Em vários trechos bíblicos, o Meigo Rabi usa a expressão “Meu Pai e vosso Pai”.

“Meu Deus e vosso Deus”, fazendo assim uma distinção inequívoca de serem, Ele (Jesus) e Deus (O Pai Maior), duas individualidades absolutamente distintas.

No célebre Sermão do Monte, recomenda-nos ser perfeitos como Deus O é (Mateus 5: 48), não porém como Ele mesmo.

Numa evidente demonstração de que o Pai e Ele são dois seres, não um.

O que também se confirma em sua crucificação quando restitui o seu Espírito a Deus (Lucas 23: 46).

Ainda na Bíblia, um pouco mais à frente, quando esta mostra-nos um jovem que quer seguir a Jesus, ao dizer-lhe que era bom, vemos a Sua imediata correção dizendo que somente o Pai era (Mateus 19:17).

Se Jesus e o Criador fossem um só, esta emenda não teria sido feita.

A submissão do Filho ao Pai é corroborada por Paulo de Tarso, quando este afirma em uma carta, que Jesus intercedeu por nós junto a seu Pai (Efésios 5:2). Ora, ninguém intervém a si próprio a favor de si mesmo.

Finalizando este texto, vemos o Divino Rabi, já no seu corpo espiritual, dizer a seus discípulos que o Criador havia Lhe enviado (João 20:21), dando uma amostra contundente de que Ele e Deus são duas figuras inconfundíveis.

Tendo tudo isso em vista, achamos que é um absurdo crer-se que o Altíssimo desceu do céu, encarnou-Se em Jesus, morrendo na cruz como vítima a Ele mesmo para expiação dos nossos pecados.

Mas não podemos querer que os leitores pensem como nós. Jesus mesmo disse:

“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”

(Mateus 11: 15).

Ou seja: acredite quem quiser e puder.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 320 – 14/07/2013

O Consolador – (José Douglas Rodrigues)

III. O ponto de vista

O ponto de vista

As maiores vulnerabilidades do ser humano provêm da inconsciência de sua natureza espiritual. Ainda que intelectualmente quase todos nós acreditemos numa vida espiritual, e ainda que abracemos crenças religiosas e tenhamos vivido e testemunhado experiências concretas que evidenciem realidades transcendentais, na prática, o ponto de vista dominante ainda é o de seres terrestres que, em sua maioria, apenas intuem ou aceitam a dimensão espiritual, focando-a principalmente no cenário pós-morte.

Há nesse ponto de vista uma distorção grave e mesmo pandêmica, posto que somos essencialmente Espíritos infinitos numa passagem fugaz pela vida corporal. É esse espírito imaterial e infinito que pensa, sente, intui e age dentro das limitações de um corpo físico perecível, e não o contrário. Inquietudes, tormentos e angústias sem-fim decorrem dessa visão invertida.

O Evangelho segundo o Espiritismo, no capítulo II, item 5, aborda as agruras do homem que “concentra todos os seus pensamentos na vida terrena”, da seguinte forma:

“A perda do menor dos seus bens causa-lhe pungente mágoa. Um desengano, uma esperança perdida, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que for vítima, o orgulho ou a vaidade feridos, são tantos outros tormentos, que fazem sua vida uma angústia perpétua, pois que se entrega voluntariamente a uma verdadeira tortura de todos os instantes”.

Por estarmos imersos na vida material terrestre, estamos necessariamente submetidos aos impositivos biológicos e psicológicos próprios do aparelho carnal, voltado à manutenção da sobrevivência física no planeta e à interação social e afetiva com nossos companheiros de viagem. Pelo fato de essa passagem material ser significativamente complexa e desafiadora, estamos por ela de tal forma enredados e absorvidos que, muitas vezes, esquecemo-nos de nossa natureza essencial. É como se o Espírito, nessas circunstâncias, ao invés, de encarnar num corpo físico, se deixasse ‘encarnar’ pelo corpo, abdicando desastrosamente de sua hegemonia e submetendo-se às contingências de uma realidade passageira.

O Espírito assim sufocado em suas aspirações e natural capacidade de aprender e evoluir manifesta uma ‘angústia perpétua’, com reflexos no corpo físico, que só será debelada quando esse mesmo Espírito reassumir a função de comando de sua saga encarnatória.

O privar-se da plena utilização de suas potencialidades produz necessariamente sofrimento, o que é, em última análise, um desajuste, um pedido de socorro e um aviso benfazejo de que as coisas não estão funcionando de maneira adequada.

Mais uma vez, O Evangelho segundo o Espiritismo, no capítulo V, item 25, esclarece-nos:

“Sabeis por que uma vaga tristeza se apodera por vezes de vossos corações, e vos faz sentir a vida amarga? É o vosso Espírito que aspira à felicidade e à liberdade, mas, ligado ao corpo que lhe serve de prisão, se cansa em vão esforços para escapar. E vendo que esses esforços são inúteis, cai no desânimo, fazendo o corpo sofrer sua influência, com languidez, o abatimento e uma espécie de apatia, que de vós se apoderam, tornando-vos infelizes”.

As vicissitudes e as dificuldades da vida do encarnado não deveriam constituir desafios para o corpo físico, mas sim para o Espírito que, quando consciente e presente de maneira plena, tem acesso a recursos e informações, que proporcionam um enfrentamento saudável das mesmas, num autêntico exercício de aprendizado evolutivo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Assim sendo, mantendo-se o Espírito ocluso e omissivo, focado somente em questões terrenas, não haverá o enfrentamento devido, recaindo todo o problema sobre uma psique desarmada e sem as habilidades e possibilidades próprias do Espírito liberto que, consciente de sua natureza transcendental e mediúnica, trará à encarnação as inspirações e intuições do plano espiritual com todas as alegrias e regalias delas decorrentes. A psique, assim vulnerável, reflete no corpo físico, seus desequilíbrios, que acabam por se manifestar em enfermidades e abatimentos próprios dessa desadequação. Pelo fato de estar focada no plano físico, inconsciente de sua natureza primordial, a psique torna-se um obstáculo à plenitude do Espírito e à ação saudável do mesmo sobre o corpo físico.

Essa habilidade mediúnica refere-se à interação espírito/corpo físico e está ao alcance de qualquer encarnado, diferindo, portanto, da chamada mediunidade ostensiva, destinada, esta, sim, ao abençoado serviço mediúnico, especificamente voltado aos trabalhos de auxílio fraterno, praticados na seara de Jesus.

Trata-se, portanto, da capacidade de perceber e lidar com as realidades que transcendem a matéria e do acesso intuitivo a conhecimentos próprios do plano espiritual, que trazem sentido à aventura da alma humana. Claro que o acesso a todo esse cabedal de conhecimentos só acontecerá de forma plena, quando seguido pelo esforço da reflexão, do estudo, e da aplicação prática dos mesmos na vida cotidiana, uma vez que na evolução espiritual não existe conhecimento real sem a experimentação prática do que se aprende, nem sem a transformação íntima correspondente. Para isso, encarnamos e reencarnamos.

É preciso, entretanto, estarmos abertos e receptivos a essa percepção intuitiva, rompendo a camada dos condicionamentos e das preocupações próprias da experiência material terrena, sejam elas atuais ou remanescentes de encarnações anteriores, que permanecem registradas e vivas em nossa memória inconsciente, influenciando-nos de forma significativa. Por se tratar de uma memória própria do nosso inconsciente, não nos damos conta do quanto ela nos afeta. Sobre essa influência, o nobre Espírito Joanna de Ângelis observa:

“A grande maioria dos atos e comportamentos humanos, na sua expressão mais volumosa, procede do inconsciente, sem a interferência da consciência lúcida”.

(Do livro Em Busca da Verdade – Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo P. Franco.)

Para que o rompimento dessa camada de preocupações terrenas e condicionamentos inconscientes aconteçam, é preciso silenciar a mente aturdida, desviando a atenção consciente para além das tribulações terrenas, das memórias ressentidas e das tristezas indefinidas.

Desse modo, o ato deliberado de isolar-se do burburinho do mundo e da mente e buscar-se o retorno consciente à realidade espiritual, intuitivamente percebida, será suficiente para dar início ao processo de reintegração com essa mesma realidade espiritual, dando assim abertura à manifestação da consciência lúcida que, sem a interferência confusa e alienante do mundo, trará o discernimento, para que se saiba distinguir o que é essencial e permanente daquilo que é aparente e transitório.

Joanna de Ângelis prossegue, em nosso auxílio, incitando-nos a essa investigação interna:

“O ser humano necessita de silêncio mental, de espaço físico para a autoidentificação, para o autodescobrimento”.

“O silêncio íntimo, que permite ouvir-se a voz da consciência, é de alta relevância para uma existência feliz, porque permite saber-se o que realmente deseja produzir e como fazê-lo de maneira excelente.”(Do livro Liberta-te do Mal – Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo P. Franco.)

Jesus, em Sua divina sabedoria, exortou-nos, através de suas parábolas, a olharmos os lírios do campo e as aves do céu, a construirmos sobre a rocha e não sobre a areia, levando-nos com isso a considerar, no silêncio do coração, as manifestações esplendorosas da Força Criadora eterna,

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

que transcende o mundo transitório e instável, e a não agirmos como o homem néscio, que armazenou suas colheitas em celeiros e descansou, esquecendo-se de que seu corpo mortal não poderia usufruir indefinidamente das riquezas materiais acumuladas, nem sobreviveria a todos esses tolos cuidados e preocupações terrenas.

Reflitamos, portanto: Qual tem sido nosso 'ponto de vista' em relação à nossa jornada terrestre?

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Elucidações de Emmanuel

Nº 268 – 08/07/2012

O Consolador

III. O ponto de vista

Examinadores

Observando a Terra, **do ponto de vista** espiritual, podemos compará-la a imensa escola, com vários cursos educativos.

O aluno inicia o aprendizado pelo número de matrícula. O Espírito começa o grande estágio carnal pela certidão do berço.

O primeiro ingressa na classe que lhe compete. O segundo é conduzido ao ambiente a que mais se ajusta.

Pequeninos, sorriem no jardim da infância, ensaiando ideias da vida. Almas primitivas, na verdura da selva, adquirem noções de comportamento.

Há crianças, nas letras primárias, dominando o alfabeto. Há irmãos, em lutas menores, penetrando os domínios da experiência.

Existem jovens, nos bancos da instrução intermediária, disputando conquistas mais altas. Possuímos inúmeros companheiros em tarefa importante, marchando para mais elevados conhecimentos.

Contam-se, ainda, aqueles que se ergueram às instituições de ensino superior, buscando a especialização profissional ou científica, de modo a participarem da elite cultural, no progresso da Humanidade.

Vemos, igualmente, corações amadurecidos, a transitarem na universidade do sofrimento, procurando as aquisições de amor e sabedoria que lhes confirmam acesso ao escol da sublimação, na Espiritualidade Vitoriosa.

Assim, pois, se te vês no círculo das grandes aflições ou dos grandes problemas, é que já ascendeste aos centros de adestramento maior para a assimilação de virtudes excelsas.

Recebe, desse modo, os parentes difíceis e os amigos complexos, os adversários gratuitos e os irmãos desafortunados, tanto quanto aqueles que te apedrejam e ferem, perseguem e caluniam, por examinadores constantes de teu aproveitamento nas ciências da alma, por instrutores na luta cotidiana. Cada um deles, hora a hora, te examina o grau de paciência e serviço, caridade e benevolência, perdão e fé viva, bom ânimo e entendimento.

E, lembrando-te de que o próprio Cristo sofreu ironia e espancamento entre eles, no dia da cruz, asserena-te na banca de provas em que te encontras, aprendendo a valorizar, em teu próprio favor, o poder da humildade e a força da compaixão.

Emmanuel, Examinadores, Religião dos Espíritos, (psicografia Chico Xavier), (cap. 43)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 16 – 01/08/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

III. O ponto de vista

A alma humana

A visão dos materialistas

1. Antes do Espiritismo, errônea ou muito imprecisa, vaga e confusa era a ideia que se fazia da alma humana.
2. Erradamente considerada como efeito e não causa pelos **materialistas**, estes viam nos fenômenos psicológicos, dela dependentes, apenas o resultado da atividade funcional do sistema nervoso do homem. Um decantado, mas mal compreendido paralelismo psicofisiológico, parecia justificar esse modo de ver, porquanto, lesado o cérebro, ou a medula espinhal, ou os nervos, perturbam-se as funções superiores da consciência, o pensamento lógico, o juízo, o raciocínio, a memória, as sensações e as percepções humanas, instalando-se a demência, os delírios, as alucinações, a amnésia, as paralisias, a afasia, a insensibilidade e mesmo o coma.
3. Os homens de ciência, principalmente os fisiologistas, os psicólogos e os psiquiatras, foram desse modo levados a um erro fundamental, que é inverter os papéis do corpo e da alma, dando primazia àquele que, no entanto, é apenas instrumento da alma para a realização de suas atividades, enquanto encarnada.

A opinião dos vitalistas

4. Os **vitalistas** não cometeram o mesmo erro dos materialistas, mas, equivocadamente, confundiram a alma com o princípio vital da vida orgânica, sem explicar o atributo essencial da alma, que é a consciência individual, resultante da faculdade cognitiva ou inteligente do ser humano.
5. A inteligência nada tem a ver com a matéria, nem tampouco com o princípio vital, que é também substância material, embora sutil e dinâmica, donde emana a força vital, mas não a inteligência e, menos ainda, a razão lógica, o senso moral e todas as faculdades superiores, inexistentes nos outros seres vivos e organizados, vegetais ou animais, pelo menos no grau em que esplendem no homem racional e moral.

O ponto de vista dos espiritualistas

6. Os **espiritualistas**, ao contrário dos materialistas, consideram a alma como um ser real e distinto, causa e não efeito de toda atividade psicológica e moral do homem.
7. Conceituando-a como um ser distinto do corpo perecível e a ele sobrevivente, o espiritualismo clássico incorre, no entanto, no erro de considerar seja a alma criada com o corpo, ao qual se liga durante a vida física e dele se desprende com a morte, para seguir um destino do qual se fazem ideias muito vagas. A reencarnação, ensinada por grandes vultos da filosofia espiritualista, como Sócrates e Platão, não é aceita pelo espiritualismo clássico, que se alinha, nesse ponto, à doutrina da Igreja.

A alma vista pelo Espiritismo

8. Com Allan Kardec e a Doutrina por ele codificada, raiou no mundo a aurora de uma Nova Era, a Era do Espírito, e a conceituação de alma humana recebeu, então, brilhante luz.
9. Eis o que os próprios **Espíritos** ensinaram, no item 134 de “**O Livro dos Espíritos**”:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

–Que é a alma?

R. **“Um Espírito encarnado.”**

–Que seria o nosso corpo se não tivesse alma?

R. **“Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, menos um homem.”**

10. É admirável no texto referido a limpidez da Doutrina Espírita a respeito do que seja a alma do homem: **“A alma é um Espírito encarnado.”**

11. A alma é, pois, um ser real, individual, independente e autônomo, de natureza puramente espiritual e que tem por destino grandioso progredir sempre, alteando-se cada vez mais em conhecimentos e em virtudes, o que ela logra mediante múltiplas existências corporais, nas quais se depura e se eleva gradualmente, até que, por fim, se liberta totalmente da necessidade de encarnar ao tornar-se Espírito puro.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (item 134.)

O Reformador “Lembrando Kardec”, outubro de 1980.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 494 – 04/12/2016

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

IV. Instruções dos Espíritos – Uma realeza Terrestre

Parábolas de Jesus: O tesouro escondido e A pérola oculta

O tesouro encontrado e a pérola descoberta representam o ápice do esforço de transformação no bem.

No capítulo 13 do Evangelho de Mateus, encontramos seis parábolas que fazem referência de forma direta ao Reino de Deus. São elas: do joio e do trigo, do grão de mostarda, do fermento, da rede, do tesouro escondido e da pérola oculta ou de grande valor.

No entendimento espírita o Reino dos Céus ou o Reino de Deus, como também é nomeado, indica um estado de alma, um sentimento de plenitude que não é um lugar circunscrito no plano físico ou no plano espiritual.

Nas parábolas, alvo dos nossos comentários, Jesus enfatiza essa felicidade, essa ventura de quem encontra tais riquezas representadas pela pérola e pelo tesouro. E do ponto de vista Dele, isso é tão grandioso e tão pleno, que leva o homem que os encontra a dispor de todos os bens que possua. Em ambas, encontramos o predomínio da transformação espiritual pela aquisição de virtudes. Trata-se de um momento decisivo na vida de cada um de nós, porque estaremos, tratando da modificação íntima, definitiva, no bem, ou a conquista do Reino de Deus.

Trata-se da descoberta da nossa consciência espiritual, da nossa ligação com Deus e das nossas capacidades para vencermos os obstáculos que surgem ao nosso progresso. O tesouro encontrado e a pérola descoberta representam o ápice do esforço de transformação no bem.

E o local onde foram encontrados indica o plano onde desenvolveremos as experiências necessárias para esse crescimento, ou seja, a existência física ou os diferentes planos espirituais. Por isso ambos são comparados, por Jesus, ao Reino dos Céus. Mas, para adquirir o Reino dos Céus o homem precisa se desfazer do Reino do Mundo. Afirma Jesus que o Reino não vem com aparência, exterior.

“A realização divina começará no íntimo das criaturas, constituindo gloriosa luz do templo interno”.

(1)

Qual o significado, nas parábolas, da expressão vender o que se tem e comprar o campo ou a pérola? Significa a **mudança** do homem material para o homem espiritual – o apóstolo Paulo de Tarso refere-se a isso como do **homem velho para o homem novo**. É o desfazer-se dos bens materiais, no sentido de não se dar prioridade a eles, pelos bens espirituais, lembrando que para esse homem materializado, seu tesouro e sua pérola são os bens materiais que conquistou ou que deseja conquistar.

Cairbar Schutel (2) coloca questões interessantes em relação a isso, que precisam ser observadas. Pergunta ele: por que o homem trabalha na Terra? Para que estuda? Por que luta a ponto de matar seus semelhantes?

Responde ele: “para possuir tesouros”! E por essa razão o Mestre foi enfático ao afirmar que o tesouro imperecível é aquele que a ferrugem e a traça não corroem e os ladrões não roubam. **“Quando o homem terreno morre nada leva consigo; mas, o homem espiritual carrega tudo que conquistou”**.

O homem materializado não compreende a Doutrina do Cristo, como não aceita abandonar o que conquistou pela aquisição de algo invisível, impalpável. Ele vive para o reino do mundo e não tem interesse, por ora, no Reino dos Céus. Não compreende que aquele desaparece com a morte física e este permanece com quem o possui.

Para Huberto Rohden, (3) **“quando o homem descobre o Reino dos Céus, não se interessa mais pelos reinos da Terra.”** Assim como a pérola que só revela seu esplendor quando exposta ao sol, a conquista da felicidade plena só é revelada na luz da vida diária.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

É interessante lembrar o ensinamento de Jesus que nos convida a não conservarmos a luz sob o alqueire, mas colocá-la sobre o velador, iluminando caminhos, dando direções.

O que tudo isso quer dizer? Quer dizer que o homem, no nível evolutivo em que se encontra presentemente, precisa sair da superfície do ego (**ser material**) e mergulhar na misteriosa região do Eu Divino (**ser espiritual**).

Essa passagem será, na maioria das vezes, dolorosa, mas o resultado só acontecerá quando e se realizar o autoconhecimento. “Antes de atingir a qualidade do seu Ser, corre o homem atrás da quantidade do ter ou dos teres.

Mas, depois de descobrir o seu Ser qualitativo, torna-se indiferente aos seus teres quantitativos. E quando as circunstâncias o obrigam a possuir certos objetos externos, os possui com estranha leveza e serenidade. Não se fanatiza por eles, nem jamais é dominado por aquilo que possui.

Todos os caminhos estritos e todas as portas apertadas desaparecem em face do jugo suave e do peso-leve de uma felicidade sem limites.”(3)

Para o estimado benfeitor espiritual Emmanuel (4) **“tesouros são talentos que trazemos, independentemente da fortuna terrestre, a fim de ajudarmos aos outros, valorizando a si mesmo.”**

Diz ele que cada um de nós, em nossas atividades, mostramos esse tesouro. Por exemplo: um homem e uma mulher tem no amor o tesouro que constrói o santuário do lar; o professor amontoa tesouros da cultura e inteligência para transmitir a quem quer aprender; o escritor respeitável estabelece tesouros no livro nobre que leva consolação e assegura o progresso. Assim também com o compositor que cria um tesouro na melodia que compõem e encanta quem ouve.

Continua dizendo que é preciso saber o que produzimos, a fim de sabermos para onde nos dirigimos. Fica claro, agora, para nós, o porquê da afirmação de Jesus ao dizer: **“onde guardardes o vosso tesouro, tereis retido o coração”**.

Por essa razão, entendemos que para a redenção das criaturas, de todos nós, está na transformação dos sentimentos. Quando são dirigidos para o bem, são bênçãos para a obra de Deus.

Mas, quando se voltam para o mal, impedem a concretização dos propósitos divinos, principalmente para nós próprios. Torna-se cada vez mais urgente trabalharmos essa ferrugem, porque Jesus nos espera para nos mostrar os tesouros imperecíveis.

Todos nós temos ouvido ou lido sobre a necessidade de transformação das nossas predisposições íntimas. Mas, como proceder?! O conhecimento de si, já o dissemos, é a chave do processo espiritual. É fundamental o autoconhecimento para sabermos: quem sou eu? Qual é a minha obrigação para comigo e para com a sociedade na qual trabalho?

Encontramos um caminho em **O Livro dos Espíritos**, questão 919 quando Kardec pergunta aos Espíritos superiores qual é o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e resistir à atração do mal.

E eles respondem: “um sábio da Antiguidade vo-lo disse: **conhece-te a ti mesmo**”.

Como conseguir o autoconhecimento? O que fazer? Quando fazer? Como fazer? **A questão 919- a ajuda-nos nessa busca.**

Mas, é necessário, sem preguiça e com vontade real de aprender, tirar da estante o livro basilar da Doutrina Espírita e ler, sem pressa, as respostas de Santo Agostinho.

Bibliografia:

- (1) **Emmanuel**, Caminho, Verdade e Vida, psicografia (Chico Xavier), (lição 107.)
- (2) **Schutel** Cairbar, Parábolas e Ensinos de Jesus, (Parte 1, p.11 e 13.)
- (3) **Rohden** Huberto, Sabedoria das Parábolas, (p. 95.)
- (4) **Emmanuel**, Seara dos Médiuns, psicografia (Chico Xavier), (cap. “Tesouros Ocultos”.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 187 – 05/12/2010

O Consolador – (Gebaldo José de Souza)

IV. Instruções dos Espíritos – Uma realeza Terrestre

Discípulos a caminho de Emaús

Nos capítulos finais dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João há registros das profecias de Jesus, de sua vinda nos tempos difíceis anunciados e de suas aparições a seus discípulos dias após a crucificação.

Nestas, ora se mostrava em silêncio, ora em breves conversas, e noutras vezes, em longos diálogos com os discípulos.

Dessas aparições e seus diálogos há uma que, a nosso ver, se sobressai: é a que consta em: (Lucas 24:13-35), que trata da conversação mantida pelo Mestre com dois discípulos, a caminho da aldeia de Emaús.

Os dois caminhavam entristecidos, comentando os acontecimentos relativos à crucificação e morte de Jesus, amargurados e deprimidos pela enorme frustração que o fato lhes acarretava e à comunidade de seus seguidores. Criam que Jesus libertaria Israel do jugo romano; com Sua morte, todas suas esperanças se esvaíram.

Esperavam que os libertaria de um jugo tirânico, que os oprimia economicamente e que os humilhava. Esperavam nele o Salvador de um reino terrestre. Àquela época ainda não compreendiam qual era o Reino a que o Mestre se referia e a real tarefa do Sublime Mensageiro.

Aconteceu que, enquanto assim caminhavam, “O próprio Jesus se aproximou e ia com eles”.

Após questioná-los a respeito de suas inquietações, sem ser reconhecido e, a princípio, sem demonstrar que tudo sabia a propósito dos infaustos acontecimentos recentes, em Jerusalém, Ele os admoestou com energia, e lhes disse:

– Ó néscios, e tardos de coração para crer em tudo o que os profetas disseram!

– Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?

E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a Seu respeito constavam em todas as Escrituras.

Entardecia. Eles se aproximavam da pequena aldeia de Emaús.

Ao perceberem que Ele fazia menção de seguir adiante, convidaram-no a ficar com eles, aquela noite. E Jesus, ainda não reconhecido, acedeu ao generoso convite.

Também a nós nos convém convidá-lo a permanecer conosco, nos dias que correm.

Então, estando com eles “à mesa, tomando Ele o pão, abençoou-o, e, tendo-o partido, lhes deu; então se lhes abriram os olhos, e O reconheceram; mas Ele desapareceu da presença deles”.

Aí é que se lembraram de Sua segurança, ao falar das Escrituras e de como, assim agindo, os encantava. Felizes, na mesma hora, voltaram para Jerusalém, para relatarem aos outros apóstolos o que lhes sucedera.

Belíssima passagem do Evangelho que nos leva a meditar que, também hoje, profecias se cumprem e que não devemos ser “tardos de coração para crer em tudo o que os profetas disseram”. E que a maioria dos homens nos inquietamos pelas coisas exteriores, sem perceber que o Mestre segue ao nosso lado, conduzindo o barco chamado Terra e as nossas almas frágeis à Emaús de nosso destino, de nossa libertação espiritual.

Também nós nos portamos assustadiços, inseguros, como se desconhecêssemos as Escrituras e suas previsões para estes e os tempos futuros!

“Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino.”

(Lc., 12:32.)

A íntegra do capítulo 24, do Evangelho de Mateus, fala com clareza das profecias relativas aos dias hoje vividos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

O túmulo vazio e, nas suas proximidades, a aparição de “dois varões com vestes resplandecentes”.

(Lc. 24:4) oferece-nos a certeza da sobrevivência do Espírito à morte do corpo, da realidade do Espírito imortal.

Mas o episódio dos discípulos a caminho de Emaús dá-nos a confiança de que o Bom Pastor, segura e suavemente, conduz o indócil rebanho e haverá de levá-lo ao divino redil, que é, em verdade, o Reino de Deus, a que se refere, sem que uma só ovelha se tresmalhe!

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

**Crônicas e Artigos
Terrestre**

Nº 240 – 18/12/2011

O Consolador – (Oswaldo Coutinho)

IV. Instruções dos Espíritos – Uma realeza

Felicidade e Jesus

“Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino ainda não é aqui.” (JOÃO, cap. XVIII, vv. 33, 36 e 37.)

Sempre que buscamos Jesus e sintonizamos com o seu psiquismo cósmico, encontramos a felicidade. Felicidade esta que não está nas posses, nos prazeres efêmeros e temporários, que são transitórios, que mudam de situação facilmente e não acompanham o Espírito na sua jornada evolutiva.

Na Terra ainda não conseguiremos a felicidade plena, pois estamos vinculados a um planeta que ainda clama em dores e sofrimentos; onde os próprios Espíritos que nos auxiliam dizem ser um vale de lágrimas devido ao nível espiritual dos Espíritos que aqui se reencarnam, muitas vezes primitivos, com muitas provas e expiações a serem cumpridas.

A felicidade com Jesus está relacionada ao estado de amadurecimento psicológico de entender que a vida não se passa só na Terra e sim em muitas moradas espirituais. Ele asseverou **meu reino não é deste mundo**, mostrando que a felicidade real é aquela conquistada pelo Espírito que soube respeitar e vivenciar as leis de Deus na íntegra, amando a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, e, neste sentido, fazendo ao outro tudo aquilo que gostaria que ele lhe fizesse.

Relembremos o Apóstolo Paulo, que em todos os momentos de sua existência, tanto nos momentos felizes como também nos momentos de sofrimento, permanecia o mesmo, sereno, íntegro, porque compreendia que tudo na vida tem uma razão de ser e que também fazia parte do processo de evolução da criatura humana.

Quando o Mestre convidou o mancebo rico para segui-lo naquela linda tarde em Cafarnaum, mostrando-lhe as belezas e verdades espirituais para que ele pudesse compartilhar do seu banquete celestial, o rapaz titubeou, ficou impressionado com o magnetismo do Mestre, mas, mesmo assim, envolvido pela dúvida, tomou a decisão infeliz e preferiu as festividades que o mundo oferecia nas corridas de Cesareia de Filipo na Decápole, preferindo sintonizar com as posses, os títulos, o poder temporal para, logo mais, em uma corrida de biga, sofrer um acidente e ser destruído pelas patas selvagens dos animais, e então, mais tarde, entre suor e sangue, ser recebido no mundo espiritual por Jesus, que o esperava de braços abertos para que ele pudesse recomeçar a sua jornada e alcançar a sua felicidade espiritual.

A felicidade com Jesus é o estado de plenitude, é o estado dos Espíritos puros que já se desvencilharam das imperfeições grosseiras da matéria e vivem conforme os ensinamentos nobres do Mestre. É o estado de sintonia profunda com o psiquismo cósmico; é o encontro da criatura com o Criador.